Evasão de curso: as responsabilidades dos agentes do ensino superior

H. T. M. SILVA (1) e L. F. M. RAMOS (2)

(1) Especialista, Curso de Pós-Graduação em Docência do Ensino Superior, área de Educação, Universidade Paulista, UNIP, São Paulo, São Paulo, Brasil.

Email: henrique.thiagoms@gmail.com

(2) Mestre em Filosofia da Educação, Cursos de Licenciatura, Tecnólogo e Bacharelado. Área de Educação, Centro Universitário Ítalo Brasileiro, UNIÍTALO e Centro Universitário Senac, SENAC São Paulo, São Paulo, Brasil.

Email: luiz.ramos@italo.br

COMO CITAR O ARTIGO:

H. T. M. SILVA; L. F. M. RAMOS. **Evasão de curso: as responsabilidades dos agentes do ensino superior**. URL: www.italo.br/portal/cepep/revistaeletronica.html. São Paulo SP, v.8, n. 3, p. 85-100, jul/2018

RESUMO

Evasão de curso é um termo para designar o ato do discente em desistir do curso em vigência no Ensino Superior. A abrangência de cursos pode ser conflitante ao vir-a-ser universitário, mas não é apenas ele quem influencia na decisão de ingresso ou evasão de determinado curso; portanto, esta pesquisa tem como intuito discriminar e avaliar as responsabilidades de cada agente – por serem elementos ativos do processo - do Ensino Superior na evasão de curso: Discente, Docente e Universidade. Cada um dos agentes representa um (des)motivador diferente na decisão do universitário na evasão, trazendo elementos como o *background* familiar e a situação financeira do Discente; o despreparo e a falta de empatia do Docente; a má inter-relação do Corpo Docente com o Discente, e as práticas pautadas na Meritocracia da Universidade. Em menor ou maior grau, direta ou indiretamente, social ou nuclearmente na família, sendo de escolha final a do Discente, estes agentes influenciam entre si na (des)motivação do Discente em permanecer no curso em ES, mas a raiz está no lar e nas Políticas Públicas educacionais. A proposta é inserir no Ensino Fundamental/Médio uma disciplina individual ou complementar de Orientação Vocacional, com a finalidade de estimular as habilidades, ciências e desejos dos vir-a-ser universitários antes da crucial tomada de decisão em ingressar no ES em um curso específico, diminuindo exponencialmente a evasão de curso.

Palavras-chave: Evasão de Curso; Ensino Superior; Discente; Docente.

ABSTRACT

Course evasion is a term used to designate the student's act of giving up the Higher Education course. The courses coverage may be conflicting to the meant-to-be undergraduate, but it is not only him who has influence on the decision of joining or evading the course; therefore, this research has the aim of discriminate and assess the responsibilities of each agent – for being active elements of the process – of Higher Education on the course evasion: Student, Professor and University. Each agent represents one different (de)motivator in the student's evasion decision, bringing together elements like family background and the student's financial situation; the Professor's unprepared manners and lack of empathy; the bad relationship between the Professor and the Student and the practices ruled on meritocracy of the University. In lesser or greater degree, directly or indirectly, social or inside the family, having the Student the final choice, all these agents influence the Student's (de)motivation in staying in his Higher Education course, but the roots remain in home and in the educational Public Policies. The proposal is to insert in Primary, Secondary and High School courses an individual or complementary discipline of Vocational Guidance, with the aim to stimulate the skills, sciences and wishes of the meant-to-be undergraduates before their crucial decision of joining the Higher Education in a specific course, exponentially decreasing the course evasion.

Key Words: Course Evasion; Higher education; Student; Teacher.

INTRODUÇÃO

Quando falamos em Ensino Superior pensamos no universitário, seja ele um indivíduo que a pouco saiu do Ensino Médio, com fantasias e conceitos ainda a serem formados e construídos, ou o jovem-adulto, adulto e idoso que estão buscando novos saberes e profissões. Independente de onde estes indivíduos vêm, eles estão se inserindo em um campo novo, diferente, possivelmente ansiógeno, que traz consigo responsabilidades próprias, visando o mercado de trabalho, habilidades a serem desenvolvidas, ciência de conceitos e termos e práxis (teoria *versus* prática).

Este conjunto de fatores são motivadores ou desmotivadores, dependendo tanto da vivência dos discentes inseridos neste processo quanto dos docentes que apresentarão e construirão estes aspectos durante o curso.

Começemos pelo peso que o Ensino Superior traz consigo: até este ponto, o aluno tem como objetivo passar de ano em ano, matéria por matéria, ponto a ponto, sem ao menos poder escolher o que gostaria de aprender, do que não gostaria de ter tanto contato assim, mas é obrigado pela pluralidade. Em outras palavras, o aluno precisa passar pelo Fundamental e Médio igual a todos, aprendendo basicamente as mesmas coisas que serão sua base, mas que podem não ser motivacionais o suficiente para este. Já no Ensino Superior, o discente se torna universitário, pode escolher em qual curso se inserirá, quais matérias

possuem na grade de cada Universidade e fazer suas escolhas próprias, tomando a liberdade que anteriormente não possuía. Ora então, de que peso estamos falando senão daquele que com a liberdade também surge a abrangência?

Não há um número certo de cursos no Ensino Superior brasileiro - pelo menos não em fontes críveis -, mas segundo o MEC possuem diversos cursos em três categorias básicas, sendo estas: Ciências Exatas e da Terra, Comunicação e Artes, e Humanidades. Escolhido uma das três categorias, o universitário terá que buscar nesta categoria uma área de interesse e depois um curso específico que o formará profissional deste.

Tão difícil quanto foi levantar estes dados, é para o discente encontrar um curso que condiz com sua vocação profissional – ou pelo menos na sua fantasia - e, para tanto, sua área de saber e atuação.

Neste meio, o *vir-a-ser* universitário escolhe um curso que acredita ser o mais adequado e ingressa no Ensino Superior, seja este de graduação ou técnico, público ou particular; porém, após algum tempo este discente pode vir a evadir o curso.

Evasão é um termo bem discutido e com diversas concepções e para Kira (1998), é a interrupção no ciclo de estudos, seja esta no Ensino Superior ou não. Nesta concepção, evasão é a “perda” ou “fuga” dos discentes antes da conclusão do curso (LIMA e MACHADO, 2014). Ainda, para o MEC, evasão “é a saída definitiva do curso de origem sem conclusão, ou a diferença entre ingressantes e concluintes, após uma geração completa” (MEC, SESU, ANDIFES e ABRUEM, 1996, p. 19).

Chama-se a atenção para a distinção de Polydoro (2000) entre o conceito de *evasão do curso* e *evasão do sistema*. O primeiro se foca no abandono do curso antes da conclusão, já o segundo no abandono do sistema universitário de forma geral e irrefutável. Este estudo tem como finalidade a apreciação da *evasão do curso*.

Falando especificamente da *evasão do curso* e da “*fuga*” acadêmica do discente neste contexto, pode-se dizer que este mesmo universitário irá adentrar outro curso, seguindo novamente todo o processo já descrito e as chances de evadir novamente o próximo curso pode ser proporcional a última experiência. Entretanto, apesar de ser uma decisão do universitário-discente, quais suas intenções? E mais, ele é o único motivador – ou *automotivador*– neste processo evasivo?

Para compreender esta evasão e a possibilidade de continuidade na repetição evasiva, discutiremos a seguir os motivos, motivações e responsabilidades de três agentes do Ensino Superior brasileiro – Docente, Discente e Universidade - para delimitar as razões e propor melhorias para a retenção e formação de profissionais qualificados e certos de suas escolhas.

DISCUSSÃO

A relação dos agentes deve ser melhor analisada no intuito de compreender a *visão macro* do processo de evasão e, para isto, Morales (2011) traz o papel do Docente no estabelecimento primário e crucial de

todos os agentes. Como mediador, tanto do conteúdo quanto da ambientação acadêmica, o Docente tem uma responsabilidade inicial tamanha que pode vir a desestabilizar o Discente logo no primeiro dia de aula, principalmente aquele aluno que nunca frequentou o ES.

Segundo Morales (2011), pode parecer menor e de pouca importância nesta discussão de evasão de curso, mas as primeiras impressões que a turma tem do Docente e este tem da turma, são importantes e salienta que o modo de comunicação em que estes dois agentes têm pode ser condicionante, ou seja, pode levar a conclusões e preconceitos que se cristalizam e enrijecem, tornando a reconstrução de conceitos mais difícil. Para o autor, esta condicionante não necessariamente precisa ser ruim, desde que o Docente consiga expressar-se e entender as nuances da turma.

Neste ponto, não está sendo colocado o Docente como o bem-e-mal de toda evasão acadêmica, seja de curso ou mais ampla, mas demonstrando como a relação entre o Discente e Docente precisa ser construída com muito cuidado e atenção, dando não apenas importância ao conteúdo programático e no que o Discente precisa saber, mas na relação, envolvimento, afetividade, compreensão da práxis, motivação profissional e outras qualidades que o Docente precisa ter em mente ao colocar-se frente a uma turma de ES, assim como em contrapartida, a turma, grupo de Discentes, deve ter da responsabilidade e importância do ES, do curso pretendido, da relação com o Docente e da relação hierárquica geral da IES. Tudo isto discutido no primeiro dia de aula, no primeiro contato do Discente com a IES e o ES.

O envolvimento com a turma também deve ser melhor trabalhada na apresentação e ensino de disciplinas, mostrando a importância dela para a formação profissional. Se o Discente não agrega o que é ensinado, pode desmotivar-se a permanecer no curso, por isso a ênfase desta importância deve ser feita e corroborada pelo docente.

Ora, nenhuma disciplina em uma grade curricular é vazia de fato, mas a não aderência a uma ou outra pode se tornar para o discente algo vazio; o intuito do docente neste caso é saber ministrar seu conhecimento apreendido e saber como apresentar este conhecimento ao discente, se utilizando da base que o conhecimento é construído e de que sua mediação é de suma importância (...) (SILVA, 2017).

Aqui observa-se a responsabilidade que o docente tem não só no ensino e em suas técnicas de aprendizado, mas também no contato próximo com o Discente com a profissão, salientando cada aspecto da disciplina ministrada a fim de fazer com que o discente agregue não apenas aquilo que deve ser ensinado e comprovado por métodos quantitativos de prova, como as avaliações, mas também na junção das disciplinas com outras, com a prática profissional, com bases que venham a crescer o discente para a melhor realização de seu trabalho futuro. Nisto, criam-se laços tanto interpessoais quanto profissionais, esquemas de trabalho, noções amplas da teoria-técnica, etc.

O docente deve estar ciente do que estará construindo com seus discentes a fim de trazer ordem ao caos curricular que estes fantasiosamente criam, sendo claro

e conciso, assimilando e auxiliando estes a compreenderem a práxis e a visão macro de todo o processo interligado (SILVA, 2017).

Morales (2011) reforça esta ideia em algumas propostas de condutas aos Docentes para motivar o Discente à continuidade do curso, da profissão a ser apreendida: dar orientação; mostrar entusiasmo; propor alternativas para a escolha dos alunos; elogio sincero; reforço do êxito; estimular a curiosidade; estimular o interesse; centrar a atenção; mostrar a relevância do que se estuda; criar um clima de confiança e satisfação. (MORALES, 2011, p. 52).

Segundo Tinto (apud Silva, 2012), existem quatro fatores que fomentam a decisão do Discente em desistir e evadir o curso em ES: “(1) background familiar, habilidade e escolaridade” (apud Silva, 2012) como responsabilidade do agente discente, pois dele é a escolha em adentrar a IES no curso pretendido de acordo com estes fatores, que podem trazer resultados não satisfatórios durante o curso, levando a desistência por não corroborar com a fantasia pré-instaurada. Já os itens “(2) inter-relação entre os objetivos e comprometimento da instituição e dos alunos” e “(3) o conjunto de relações formais e informais estabelecido no ambiente acadêmico e no social, como performance acadêmica, interação com os funcionários da instituição, atividades extra-curriculares.” (apud Silva, 2012) foram colocados como responsabilidades da Universidade, que falha na retenção deste Discente pelos motivos apresentados; o quarto item é uma salientação do que já foi discutido até este momento: “(4) e, por fim, a

integração acadêmica e a integração social que os itens anteriores proporcionam” (apud Silva, 2012).

O autor conclui que a motivação necessária para continuidade do curso parte da junção de todos os fatores trabalhados e compreendidos por todos os agentes, fazedores do processo, ligados por um objetivo em comum: integrar-se na academia, na sociedade e no saber.

Silva (2012) salienta que este estudo de Tinto (apud Silva, 2012) é um estudo norte-americano e que, apesar de muito parecido com as conclusões de pesquisas brasileiras, possuem pontos de discordância: a falta de perspectiva na carreira, fomentada em fantasia pelo motivador primordial (aspectos financeiros e emocionais do trabalho) e a ausência dele na realidade vivida; “o baixo nível de comprometimento com o curso, a baixa participação em atividades acadêmicas, a falta de apoio familiar, (...) e o baixo desempenho escolar” (SILVA, 2012). O autor ainda deixa claro que as principais justificativas dos Discentes na evasão de curso em IES brasileiras tendem a variar de grau, de acordo com a instituição que sugerem problemas específicos de cada IES, mas que se colocados de forma geral “sugerem importante diagnóstico do problema” (SILVA, 2012).

Segundo Vohoslavsky e Jenschke (apud Bardagi, 2007), a escola e os pais deveriam promover espaços para que o vir-a-ser universitário em ES, ainda aluno do Ensino Fundamental ou Médio, pudesse: (1) conhecer, devagar, a realidade do mercado de trabalho o qual virá a adentrar, e os vínculos entre estes indivíduos e suas tarefas. (2) desenvolver atividades de estratégias para gerar o interesse em buscar informações e tomadas de decisões; (3) na prática do dia-a-dia experimentar a sensação de ser um

indivíduo mais autônomo, definindo e solucionando problemas, construindo sua vocação.

Nestes tópicos pode-se perceber que o Ensino Fundamental e de Ensino Médio tem um papel muito importante no desenvolvimento do discente, logo, está sendo dito que a responsabilidade neste caso pode ser do Governo, junto ao MEC, no despreparo de um plano que alavanque às habilidades de autonomia, escolha e reflexão na criança e adolescente no momento oportuno, seguindo para um vir-a-ser universitário que não possui bagagem, sem reflexão própria na tomada de decisão ao entrar na IES; segue o padrão de *motivação primordial*, de *background familiar*, entre outros pontos explanados anteriormente. Todo este processo culmina no Estado Neoliberal e Meritocrático, em que bom produtor é aquele que produz e não que reflete sobre a produção: de modo, aquele que escolhe um curso para ser sua profissão sem se atentar na visão macro, no processo, no desejo, no planejamento, nas habilidades, na carreira etc.

Bardagi (2007) ainda salienta que a Universidade erroneamente assume que os Discentes têm ideias e escolhas focadas em projetos vocacionais definidos e não oferecem momentos de reflexão e discussão deste tema, dando maior importância a “dimensão intelectual e negligenciando a formação da identidade social” (BARDAGI, 2007). A insatisfação na carreira e a própria evasão de curso são sintomas desta falta de pesquisa e orientação vocacional, culminado a todos os elementos já discutidos, fazem com que o Discente evada o curso no ES por despreparo.

CONCLUSÃO

Nota-se que a escolha da evasão de curso parte do agente Discente, pois este escolhe deixar o curso; mas não é apenas ele o único motivador para esta tomada de decisão. Os agentes, docente e Universidade, tem grande peso, pois podem vir a desmotivar o Discente no processo, gerando dúvidas e novos anseios a este, que desiste do curso em busca de outro, sem dar-se conta do planejamento. É como se fosse uma receita para bolo, em que todo ingrediente tem um papel importante para que o bolo cresça e tome forma, mas qualquer problema nos ingredientes, até mesmo a falta deles, pode acarretar em um desastre.

Sim, o discente tem poder de escolha, e se acarreta a ele o papel de tomar decisões de seguimento profissional – seja no ingresso ou evasão de curso em ES -, mas ele também está à mercê da família e desejos familiares, das expectativas sociais, da fantasia profissional, do financeiro e remuneração, da adequação dos Docentes ao que é ensinado, da Universidade na agregação e inter-relação de todo o processo, e das Políticas Públicas que podem vir a confundi-lo na abrangência de opções por mérito Governamental.

Todos os agentes desta pesquisa, responsáveis pela (des)motivação no curso e conseqüentemente pela evasão, tem seu papel delimitado e que carece de maior reflexão dos próprios quando o assunto é “*quem serão os próximos profissionais?*”, pergunta que carrega um peso valoroso se

compreendida. Discente, Docente e Universidade são três agentes que constroem a sociedade, cada qual com seus deveres.

No momento em que um depende do outro, todos fazem parte do *macro*, do ponto de vista amplo que, em termos corretos, farão que o *amanhã* possa ser melhor do que o *hoje* e habilitando profissionais bons e éticos. A falha de qualquer agente neste âmbito é desestimulador e ameaça a condução de resolução.

Como no velho ditado popular “*se corta o mal pela raiz*”, se entende que a raiz de todo o processo de evasão tem início no lar - primeiramente, observando que pouco a família tende a compreender as capacidades profissionais do vir-a-ser universitário, diferentes do já enraizado *background* familiar - e nos Ensinos Fundamental e Médio, em que carecem de reflexões quanto ao futuro profissional das crianças e adolescentes que em alguns anos estarão às portas do ES.

A proposta é de que a Orientação Vocacional seja implementada como disciplina individual ou complementar, integradora do processo educacional em vigência, com o intuito de estimular as habilidades, ciências e desejos dos vir-a-ser universitários antes da crucial tomada de decisão em ingressar no ES em um curso específico, diminuindo gradualmente a taxa de evasão de curso em Universidades públicas ou privadas.

Por fim, cita-se uma frase de Morales (2011): “Influímos sobre os alunos e os alunos influem sobre nós. Nossa atitude com relação aos alunos condiciona sua atitude diante de nós.” (MORALES, 2011, p.159).

Neste trecho o autor está diretamente falando sobre o papel do Docente para com o discente e vice-versa; mas faz refletir, em uma interpretação, que os discentes de hoje serão os profissionais e, talvez, Docentes de amanhã, colocando a responsabilidade de cada um dos agentes e do Governo na melhor proposta de Política Pública educacional para fazer a orientação vocacional ser uma realidade mais próxima e comum, diminuindo o índice de evasão de curso; deste modo, as motivações ligadas ao despreparo educacional para as escolhas de carreira e curso em ES serão exponencialmente diminutas, mas ainda há de se atentar às questões financeiras e projetos que possam dar subsídio aos discentes no fator de evasão ligado ao financeiro.

Hoje há projetos e programas como o PROUNI, FIES e outras formas de bolsas, além das IES públicas, mas ainda necessitam de estabilização e mais estudos para serem acessíveis a todos e poder ter maior taxa de sucesso no ideal; mas isto ficará para uma próxima pesquisa.

REFERÊNCIAS

BARDAGI, M. P. Evasão e comportamento vocacional de universitários: estudo sobre desenvolvimento de carreira na graduação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Psicologia. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento. 2007

KIRA, L.P. A evasão no ensino superior: o caso do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá (1992-1996). Piracicaba, SP. Dissertação de Mestrado. Universidade Metodista de Piracicaba, p. 106, 1998.

LIMA, E.; MACHADO, L. A evasão discente nos cursos de licenciatura da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: Educação Unisinos, 2014.

MEC; SESU; ANDIFES; ABRUEM. Diplomação, retenção e evasão nos cursos de graduação em instituições de ensino superior públicas. Avaliação, p. 55-65, 1996.

MORALES, P. A relação professor-aluno: o que é, com se faz. 9ª edição. São Paulo: Loyola, 2011.

POLYDORO, S. A. O trancamento de matrícula na trajetória acadêmica no universitário: condições de saída e de retorno à instituição. Campinas, SP. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, p. 145, 2000.

SILVA, G. P. Análise de Evasão no Ensino Superior: Uma proposta de Diagnóstico de seus Determinantes. Revista Avaliação, Sorocaba, v. 18, n. 2, p. 311-333, jul. 2012.

SILVA, H. T. M. A Neurociência Cognitiva e Ensino Superior: A Importância da Disciplina para o Docente. URL: www.italo.com.br/portal/cepep/revista_eletronica.html. São Paulo SP, v.7, n.4, p. 36-46, Out/2017.